



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

PÓS-GRADUAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU

EM LÍNGUA E CULTURA TERENA

TATIANA DIAS DA SILVA

A HISTÓRIA DA ALDEIA LIMÃO VERDE CONTADA PELO ANCIÃO TERENA
HOPÚ'OTI TURUMO

Exetina Tonó'iti Limaum ukeati emô'uke Hopú'oti Turumo

Campo Grande/MS

2018

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
T. SILVA	<p>TATIANA DIAS DA SILVA</p>
A HISTÓRIA DA ALDEIA LIMÃO VERDE CONTADA PELO ANCIÃO TERENA HOPÚ'OTI TURUMO.	<p>EXETINA TONÓITI LÍMAUM UKEATI EMÔ'UKE HOPÚ'OTI TURUMO</p>
2018	<p>Campo Grande/MS 2018</p>

TATIANA DIAS DA SILVA

**A HISTÓRIA DA ALDEIA LIMÃO VERDE CONTADA PELO ANCIÃO TERENA
HOPÚ'OTI TURUMO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

EXETINA TONÓITI LÍMAUM UKEATI EMÔ'UKE HOPÚ'OTI TURUMO

Yutoiti motovati koevesekea ra víhikauvo ya Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização ya Vemó'uke yoko Vitukeovo Terenoe, ituke Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária na Hanaiti Mêum, motovati apeyea ra koyuhope koyuhoati itukeovo Especialista em Língua e Cultura Terena

Campo Grande/MS

2018

C872c SILVA, Tatiana Dias da.

A História da Aldeia Limão Verde contada pelo ancião Terena Hopú'oti Turumo.

/ Isac Pereira Dias. Campo Grande: [s.n.], 2018.

156f.; 30cm

Orientador (a): Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

Dissertação (Pós-graduação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
Unidade Universitária de Campo Grande.

1. Literatura – pesquisa. 2. Crítica. 3. Autores. I. Título

CDD - 340.1

TATIANA DIAS DA SILVA

**A HISTÓRIA DA ALDEIA LIMÃO VERDE CONTADA PELO ANCIÃO TERENA
HOPÚ'OTI TURUMO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu, Especialização em Língua e Cultura Terena, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Língua e Cultura Terena.

Área de concentração: Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Presidente

Prof. Me. Celso Abrão dos Reis
Titular

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues
Titular

Campo Grande/MS, 20 de novembro de 2018.

Com a conclusão do curso e o título de Especialista na Língua Terena venho homenagear a essas duas pessoas, que são o meu alicerce que sempre me ajudaram tanto nos estudos como na vida familiar, Profissional e no cotidiano.

Obrigado Senhor por ter me dado essas duas pessoas, como Avô e Mãe.



Vovô Isac e Mamãe Louzardina

Ya koeku ngoeveseseka ra inzikauvo yoko ihae indukeovo Ahúkoti ya Vemô'u Terenoe eno ngapayaiko îha ra piatihiko xâne, huvo'oxunoti ya inzikauvo kuteatimaka ya munjonehiko, ngoitukeku yoko ya uhá koeti káxe.

Ainapo akoe Itukó'oviti porexonoe itikivonoe Ônzú yoko Êno.

Ônju Hopú'oti Turumo yoko Êno Filíkota

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela vida e sabedoria;

À Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, minha orientadora; aos professores Marlon Leal Rodrigues, Celso Abrão dos Reis e aos demais professores da Pós-Graduação, pelo conhecimento e paciência durante o Curso, para que pudéssemos seguir e vencer mais esta caminhada. Obrigado a todos, somente Deus para retribuir-lhes em tudo que fizeram por nós em nossos estudos;

À minha família, pela força que me deram durante o curso: ao meu esposo, Ageu Antoninho da Silva, minhas filhas: Thailene, Thaís Taine, Indiné Louslene e neta Indya Thayanni pelo apoio; e, em especial à minha Mãe, Louzardina Dias, que sempre me incentivou a seguir nos estudos; ao meu avô, Isac - Hopú'oti Turumo, por tudo que nos ensinou, principalmente no quesito da *humildade* com o próximo;

Aos amigos e colegas, pelo companheirismo, a cada pão dividido para que pudéssemos seguir unidos nos estudos e chegar à reta final, à conclusão do curso.

Ingoroixovope

Inuxotike ingoroixovo Itukó'oviti kuteati ya vomixokeovo yoko porexo'ovea vexea kixoaku ūti ra vīhikauvo.

Ya Ihikaxoviti Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, koane xoko Marlon Leal Rodrigues, Celso Abrão dos Reis, kuteanemaka ya uha koeti ihíkaxoviti yara pôs, kuteati koukopona vexea ne vīhikauvo yoko itea isoneu ihíkaxovihiko yara Kursu, motovati pihea ūti tumune vitoponea ne vāha. Ainapo Yákoe ngixopinoe, koane poihane Itukó'oviti porexopeanoemo uhá koeti ne kixe'evikunoe yara vīhikauvo.

Kuteanemaka ya njanena, porexonu xunakoti inzikaxeovo, xoko munjone Ageu Antoninho da Silva, inzinexapa Thailene, Thais Taine, Indiné Louslene, ámori Indya Thayanni huvo'oxonuhiko, xoko êno Louzardina Dias ako'o kurikanu ya emouke ínzikaxeovo, xoko ônju Isac - Hopú'oti Turumo ya uhá koeti ihikaxonuke, kuteati xoko *vikoseanaxeovo* xapauke viyeno xapa.

Ya xapakuke íningone yoko nzaínehiko, kuteti huvo'óxokoko ūti, motovati houxo koiyea símea yara hunokokuke vīhikauvo.

Com o passar dos anos, a cada dia vencido e aos que vem, aos desafios do cotidiano, unidos venceremos, pois esta é a frase que sempre está em nossa família.

“A UNIÃO FAZ A FORÇA”

Apesar de tudo que enfrentamos no dia a dia, a união ainda é a nossa meta, por mais difícil que seja, procuramos a cada reunião familiar bater nesta tecla, pois um ensinamento de nosso tronco, para que sigamos sempre neste caminho, assim como também na:

HUMILDADE SEMPRE

Que sejamos sempre humildes com o próximo, ajudando os no que precisarem e que esteja ao nosso alcance, ser prestativo, acolher com humildade as que nos visitam tratar bem as pessoas, pois um precisa do outro, e que nada nessa vida se faz sozinho. E sim através da união e humildade.

Essas duas frases ainda é o lema de nossa família ensinamento do nosso tronco Hopú’oti Turumo que unidos sempre venceremos e com a humildade podemos alcançar nosso objetivo, principalmente na questão dos estudos e trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo de registrar a narrativa, para a conclusão do Curso Especialização em Língua e Cultura Terena, para que a história da nossa aldeia Limão Verde, desde o ano de 1988 , quando surgiu o nosso povoado, que este seja de conhecimento das pessoas que a desconhecem, assim como também ajudar na escola e aos Professores que atuam na área educacional da Língua Terena, pois somos carentes na questão de materiais de apoio, para uso nas disciplinas da língua, arte e cultura terena na alfabetização escolar, pois a narrativa é rica em fatos históricos, não só como a vida pessoal como também a de como surgiu à aldeia e seus fundadores. Com isso este trabalho, percebe o quanto rica é o conhecimento empírico de nosso povo, o que falta é acordamos para seguir em frente com o trabalho, que é resgatar e registrar os fatos com os anciãos que ainda estão em vida em nossa comunidade. Assim considerados como livros vivos restam poucas, em nossas aldeias e se não valorizarmos podemos perder tudo que eles têm a nos oferecer. A história de nossos anciãos é riquíssima e com detalhes, algo para se pensar, resgatar relatar e transcrever, para auxiliar nos materiais de apoio para professores em nossa escola.

Palavras-chave: Livro. Leitura. Biblioteca.

ABSTRACT

Enepora yutoiti hara kixoeko, kuteati koevesekea ra víhikauvo ya Especialização ituke Vemo'u yoko kixovoku vitukeovo, motovati exea poinuhiko xâne ákoti exina koeku turixeovo ra vípuxovoku Tonóinti Límaum, ukeati ya xoena 1988, turíxovo ra vípuxovoku, motovati exeahiko, kuteatimaka huvó'oxea ihíkaxoti koitukeati ra vemo'u yoko ra kixovoku viukeovo, vo'oku ako apeinoviti motovati huvo'oxeovi ya porexea ra ihikauti vemouke, vooku ra exetinati êno ovati motovti vikóitukexea xapakuke ihíkaxovoti, kuteati ya exetina ra koyuhoiti koane xokoyoke ra inuxoti ko'ovokuti yara vovoku koene.

Yara epemoneti yutoxeovo vopó'okoa hánaiyea kixovokuti ra éxone xanena úti, hara konokovo viyúkinova visoneu koukoponea yutoxeovo, kuteati oposikea kixoaku veyoponea ne exetinati yutoxopeovo koeku apeyeko xapakuke úti. Kuteati íhaxeokonohiko iyukóvoti ovoku exóneti, ákone axúina viyénoxapa apêti xapakuke vípuxovoku, konokoati koukoponea úti tumuneke uké'eyea.

Êno ovati yoko kureinovi motovati véxea ra exetina viyénoxapa, motovati vitúkinoa visoneu, koukoponeovo, koyuhoyeovo yoko yutóxopeovo, motovati huvó'oxea ne ihíkaxoti.

Keywords: Koyuhópeti. Yuhóikoti. Yuhóikokuti koyuhopeti.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Objeto e Objetivos.....	13
Metodologia.....	14
Relatório de Campo	14
CAPÍTULO I	
1. Narrativa – Hopú’oti Turumo.....	15
CAPÍTULO II	
1. A aldeia Limão Verde, nos dias atuais.....	21
Considerações finais.....	22
ANEXOS.....	23

Introdução

A história da Aldeia Limão Verde contada pelo ancião Terena

Hopú'oti Turumo - Isac Pereira Dias

Morador da Aldeia Limão Verde, Município de Aquidauana – MS, da etnia Terena, escreve desde que viu a importância que precisava registrar escrever e guardar histórias e fatos que ocorreram e sobre o local onde reside, hoje é viúvo, pai, avô, bisavô e tataravô, muito conhecida na aldeia como na região como Capitão Isac, pelo fato de ser um dos caciques que ficou maior tempo à frente de seu povo como cacique, onde que antes era chamado de capitão. Hoje já não escreve mais, devido problemas nos olhos e sua baixa visão.

Redigir e registrar fatos referentes à Aldeia relatadas pelo Ancião Hopú'oti Turumo para assim ter m registro não só para o conhecimento pessoal, como também um documento para as gerações futuras, para que conheçam a história de seu povo e do local onde vivem.

Pois muitas histórias já se perderam, foram juntos com nossos anciões, devido a falta de registro, muitos de nossos livros vivos, tinham uma riqueza de histórias que contavam aos filhos e netos, hoje ficou no passado e muitas vezes no esquecimento.



Foto tirada pelo Téo Miranda e Naine Terena.

Objeto e Objetivos

De acordo com curso da Pós-graduação em Língua e Cultura Terena, para a conclusão do mesmo, o trabalho a ser feito com o tema “*A história da Aldeia Limão Verde contada pelo ancião Terena Hopú’oti Turumo*”, tendo como objeto de pesquisa uma entrevista com um ancião e como objetivo de pesquisa entrevistar e reescrever os relatos para assim se ter um histórico sobre a Aldeia. Ao longo dos anos muitos conhecimentos dos que consideramos “livros vivos”, nossos anciões, várias experiências e histórias foram perdidos por falta de registros, tanto em áudio como em vídeo. Além disso, conhecer a história da comunidade local através dos registros, desenvolvendo a escrita dos fatos que aconteceram com as pessoas que fizeram algo para a comunidade.

Realizar, assim, o pedido e o antigo sonho do meu pai/avô, que é escrever e registrar estes fatos para que possamos ter um arquivo com a história da nossa Aldeia Limão Verde. E, apesar das dificuldades, seguir com a entrevista, buscar a cada dia novos conhecimentos com a experiência da vida os anciões. Que este não seja a primeira nem a última a ser registrada e redigida, mas que com essas atividades proposta pelo curso, buscar mais histórias de minha Comunidade.



Foto arquivo pessoal

Metodologia

O trabalho realizado através do Curso de Pós-graduação Especialização em Língua e Cultura Terena, para a conclusão do mesmo, foi um dos fatores de grande relevância, pois deu a visão de quão rica as histórias de nossos anciãos, na qual devemos valorizar guardando-os através da escrita, pois muitos já se foram e com eles o conhecimento de cada um.

Com isso este foi como trabalho de campo feito através de entrevista, com series de perguntas referente ao tema, realizado em ambiente propicio, com horários não cansativos, onde que o ancião pudesse se sentir a vontade em seus relatos, cercados de pessoas que ama como as filhas, netas, bisnetas e tataranetas, ouvindo a sua história, nisso pude perceber a alegria, o brilho nos olhos de poder estar guardando suas histórias e o quanto valioso foi cada luta e desafios que encontraram ao longo dos anos até os dias atuais em relação à nossa Aldeia Limão Verde, onde que até hoje continua a luta na demarcação de nosso território.

Relatório de Campo

Primeiramente com relação a esta entrevista, vem sendo aos longos dos anos, pois o mesmo o ancião vinha com o sonho de escrever e publicar um livro, só que não sabia como iniciar o trabalho, mas com o curso da pós tive esta oportunidade de entrevistá-lo, só que antes disso ele já havia feito o livro que tanto sonhou.

Mas apesar disso gostaria que algo mais pudesse ser escrito, foi quando procurei para esta entrevista e logo aceitou, o mesmo foi realizado em sua residência, para mim foi difícil fazer este trabalho e ao mesmo tempo feliz quando vi a alegria dele, de contar a história, pois sempre falava alguém tem que escrever principalmente você que é minha neta, o dias foram passando até que disse vamos gravar depois você escreve. No dia da gravação juntou a ele a minha irmã caçula, onde que ao ouvir sua história foi emocionante, pois ali pude viajar imaginando de como era o lugar, relembrar das pessoas que pude conhecer que já partiram, como meus avós, tios, primos que hoje estão na saudade que fizeram parte da família Limão Verde.

I. CAPÍTULO

1. Narrativa – Hopú’oti Turumo

Nome Isac Pereira Dias, 86 anos de vida, do sexo masculino, nasceu no dia 12 de fevereiro de 1932, nesta referida comunidade, filho de Henrique Pereira e Davina Dias, moradores da Aldeia Limão Verde, da etnia Terena, teve apenas um irmão Adão Dias este por parte de sua mãe, moravam no centro da aldeia, onde hoje está localizada a padaria da Associação de Lavourista e neste local situava a primeira igreja evangélica que se chamava Igreja Evangélica da América do Sul que hoje é a União das Igrejas Evangélicas da América do Sul – UNIEDAS, e que nesta localidade havia muitas matas.

Teve dois casamentos, casou com a primeira esposa Ilda Malheiro, na qual tiveram três filhos: Luzia Dias (esta faleceu ainda pequena), Louzardina Dias, Carlos Dias e um enteado que é o Abel Malheiro, este por parte da esposa, nesta época foram morar onde hoje é a aldeia Buritizinho residindo lá, por quatro anos, quando sua esposa faleceu voltou para o centro da aldeia. Depois disso, anos depois se casou com Eugenia Machado esta já tinha três filhos: Dalziza Dias, Florentina Dias e Juarez Dias que os considerou como filhos, com ela, ele teve três filhas: Leontina Pereira Dias, Enilda Dias e Anatalia Dias. Atualmente possui 28 netos, 74 bisnetos e 06 tataranetos.

Quando criança lembra que aqui na aldeia havia muitas matas, animais, córregos, peixes e até cachoeira, e os remédios usava se mais as ervas medicinais, ajudava os pais e o a única diversão das crianças na época era o futebol. Quando sua mãe faleceu quando ele tinha mais ou menos uns quinze anos de idade e seu irmão uns sete anos, com a perda da mãe, eles foram amparados pelo seu tio Lúcio Dias, que era irmão de sua mãe. E o próprio tio que os alfabetizou, sendo assim seu primeiro professor ensinando-os a ler e a escrever. Quando completou 18 anos foi trabalhar nas fazendas, aos vinte dois anos casou-se e teve a primeira filha.

E assim, Lucio Dias, continuou a dar aula e o mesmo foi primeiro professor indígena, a ministrar aulas, como voluntário, ou seja, sem remuneração, depois dele vieram: Valério Martins e Pascoal Leite Dias, estes um era pago pela Missão Evangélica e outro pela Prefeitura de Aquidauana e em 1947, deixaram suas aulas, devido a Lei nº2001 do SPI que declarava os índios eram incapazes de lecionar. Depois disso, Lúcio Dias foi embora para Aldeia Córrego do Meio em Dois Irmãos do Buriti, onde constituiu família.

Em 1.966 ele, Hopú'oti Turumo foi vice-cacique, do Senhor Rafael Gomes (in memória antigo morador da aldeia Córrego Seco), e a comunidade vendo seu trabalho o modo de buscar melhoria para sua aldeia, pediram que houvesse eleição para cacique, e no ano de 1.969 teve a primeira eleição realizada no dia 7 de setembro, ganhando por três vezes consecutivas, ficando no total por 18 a 20 anos como cacique da aldeia Limão Verde.

E quando as pessoas faziam feiras para cidade de Aquidauana, levavam os produtos na carroça, iam caminhando, muitas vezes saíam de madrugada da aldeia para buscar alimento na cidade, muitos trocavam suas mercadorias. E no caso quando alguém ficava doente, que precisasse ir para hospital, primeiro ele ia à cidade a pé, para buscar o carro, que fazia este trabalho por eles, mas só que tinha que ir lá conversar com o responsável, na época usava muito o jipe do exército, pois não tinha ambulância.

E quanto às festas surgiram ao longo do tempo, como por exemplo, a festa do dia 19 de abril, onde comemora com todos da comunidade. E as igrejas surgiram em 1880 a 1888 quando o Senhor Emilio Pensante entrou como rei, onde fez um decreto para entrar nas aldeias, assim que os padres e missionários souberam disso foi a até ele para pedir autorização e que queria ajudar o SPI a alfabetizar as crianças, com isso existia apenas essas duas igreja a Católica e a Evangélica.

Os Padres e os missionários foram os primeiros brancos que vieram e que tiveram pela primeira vez contato com a comunidade, sendo assim bem recebido pela comunidade, só que alguns dos próprios companheiros deles que ficaram contra eles de vir fazer o trabalho junto à comunidade, o primeiro padre que veio aqui na aldeia não lembro o nome, mas o segundo foi o Padre Afonso, por isso que o nome da igreja Católica leva o seu nome em sua homenagem, por ser um dos que vieram ajudar a aldeia e a construir a igreja, sendo assim o Padroeiro da Aldeia.

Quanto ao território e o espaço onde viviam, antes quando os antepassados vieram corridos da Guerra do Paraguai, eles moravam perto do antigo cemitério, local hoje conhecida como Vila Catarina, não aqui dentro desse local onde vivemos hoje, que é um lugar cercados de morros, e sim por lado de fora, morava lá devido ter alguns gados, onde que quando trabalhavam nas fazendas eram pagos com alguns alimentos para o sustento da família e gado para tirarem leite para o consumo, este era como forma de pagamento dos serviços prestados nas fazendas onde trabalhavam, por isso que os possuíam, e aqui onde é o centro da aldeia no dia atual, era usado como local para roça, lavouras e somente o avô dele Atâle que morava por

aqui onde é o centro da aldeia hoje, anos depois com o aumento dos membros da família aí que vieram para cá.

A demarcação das terras começou desde a época do avô Daniel quando comandava a aldeia, em 1944 os não índios começaram a mexer com eles devido às terras, e em 1947 chega à aldeia o Senhor Enok de Alvarenga, primeiro funcionário da SPI- Serviço de Proteção ao Índio que veio para verificar a situação do povo com relação às terras, vendo a situação perguntou se queriam saber até onde vão as terras da aldeia começando com o movimento, antes dele esteve por aqui o senhor Vernec, mas logo foi embora com isso, os gados dos não indígenas entra em meio às plantações da comunidade, com isso Daniel e Sebastião vão até a cidade de Nioaque onde ficava Posto do SPI reclamar e levar o pedido da população vai até ele pedir a até onde vão as divisas da aldeia, assim por pouco o Senhor Marcelino Branco (não indígena, Boliviano) pega o senhor Enok com uma facada, por estar aqui ajudando os indígenas na questão das terras.

O primeiro a abrir este local e morador da aldeia foi o Atâle, depois que ele faleceu começou a comandar foi seu filho Henrique Dias, com a morte dele já tinha começado o movimento com os não indígenas e não conseguiu terminar o que queria, entrou seu irmão, Daniel que começou com o movimento da demarcação porque não sabiam até onde eram e procuraram um jeito de fazer as divisas das terras, porque os não indígenas já estavam entrando nas terras e assim começou a reivindicação e o movimento. Por isso que o Enok veio para ver o pessoal onde passava o território, procuraram documento, mas que não encontraram e foi embora, depois disso chegou outro funcionário o Senhor Mongenoti, aí começou outro movimento onde trouxeram engenho, enxada, foice e outros materiais para trabalhar na lavoura e outra parte ele vendeu e ninguém disse nada.

Depois disso começou o movimento, então Daniel pediu a demarcação das terras, porque os fazendeiros falavam que eles que comandava por terem gado, com isso ele foi para Campo Grande falar com o chefe da ajudância do SPI, porque por aqui não havia delegacia, pois a Secretaria do SPI ficava em Cuiabá, Mato Grosso, porque ainda não havia a organização da cidade de Campo Grande, e nem a divisão de Mato Grosso do Sul.

Com isso chegou o nosso parente Paulo Candido da Aldeia Bananal para chefiar a aldeia, ele nos chamou eu Isac, Valério Martins, Rafael Gomes e nos disse vamos nos organizar, pois os não índios estão se organizando, vamos ao quartel procurar nossos direitos, fomos e chegando lá nos disseram aqui tem apoio, mas tem que passar pelo comandante chefe Wilson e nos deram autorização para conversar com ele, e para isso

tivemos que vender um bezerro para nossa passagem ir de trem, pois nossos parentes já haviam feito isso, indo para Campo Grande e nunca teve solução, na vez que fomos a Campo Grande Paulo foi junto, chegando lá encontramos com o advogado do SPI, na qual nos disse primeiro vocês tem que ir procurar um vereador recém-eleito peça a ele os ajudar e com isso começará o movimento de demarcação da área que vocês querem fazer o plantio e diz a ele que não sabem até onde vão as suas áreas, porque pelo SPI fica difícil fazer isso, e ainda nos disse que é obrigação da Prefeitura medir a área de vocês.

Por isso fomos procurar o vereador na época o indígena Jair de Oliveira, na qual fez um documento, quando assumiu ele pediu sessão para falar das terras em questão, levando o documento para a legalização das terras de Limão Verde, onde que obtive o apoio da maioria dos vereadores, depois disso ficou na mão do Presidente da Câmara que enviou para Brasília para o Presidente General do Exército, onde que o Presidente da Funai pediu para que nos que tínhamos que reunir para ir conversar com o Prefeito Lucarelli, pai do Vereador Wezer Lucarelli, onde que o mesmo, autorizou a demarcar as terras, onde chamaram o engenheiro Euclides, ele veio e fizeram as negociação agora é só medir as terras e aqui tenho um documento antigo que estava em minha pasta.

Quando pegou o documento que era o ofício que veio de Cuiabá que iria para Prefeitura que era para demarcar dois mil hectares da nossa terra, quando o Delegado da Funai viu, pegou e enviou novamente, por isso que o Senhor Alceu Cutia veio parar aqui na aldeia. E quando assumiu a ser Cacique da Aldeia seu objetivo era continuar a luta dos primeiros líderes que é a Demarcação e também gados para a, assim vender leite para arrecadar fundos para a comunidade, onde que na época ele mesmo que cuidava dos gados e não eram vacinados.

Hoje o modo de viver das pessoas é totalmente diferente, já não se reúnem mais, uns já querem se engrandecer ao meio de seu povo que quando consegue algo dizer “Eu que consegui, eu que fiz”, querem ganhar em nome da comunidade.

Quanto à religião na época e atual modificou muito, hoje em nossa comunidade existem várias igrejas e denominações.

Em relação ao casamento, quando eram pequenos os pais já conversavam sobre os filhos já eram separados um para o outro, e a idade para casar na época era quando o rapaz e a moça já conseguiam trabalhar para o sustento. E quanto ao divórcio, brigas, ciúmes e outros fatores com relação ao casal também não existiam. Antes o casal tinha número maior de filhos, pois, antigamente havia várias plantações e raras eram as doenças, como não tinha

médicos, aqui na aldeia havia os feiticeiros, pajés, benzedores, curandeiros que faziam seus trabalhos e remédios caseiros e que curavam as pessoas, até o modo de educar os filhos era diferente, por isso que existem as lendas para que pudéssemos não sair nas noites escuras, no qual nossos parentes contavam para nos dar medo, nas noites reunia as crianças para contar as histórias até eles adormecerem, pois os xamãs falavam que não era para sair à noite porque aqui tem coisas que não prestam, tem o espírito do bem e do mal que andam no escuro, tem bichos, e o perigo é vocês encontrarem o espírito do mal porque assim podem ficar loucos, e com isso ficava em casa e ninguém saía, só quando amanhecia no outro dia que eram liberados a sair e brincar. Outra questão é que não deixavam as crianças saírem, pois diziam que ao meio dia era o horário em que os espíritos e coisas ruins vagavam. Por isso que as crianças obedeciam pelo modo que era educado pelos pais na época, pois tinham respeito pelo mais velho.

Como foi falado antes o casa tinha número maior de filhos alguns alcançavam doze ou mais filhos, hoje o casal tem no máximo três a quatro filhos, e onde que a maioria das crianças e jovens não tem mais consideração com os nossos anciões.

Até as plantações na época o pouco que se plantava dava muito que dava para o sustento da família e também para a venda dos produtos, pois havia muita chuva e às vezes chovia o mês inteiro e o solo ainda fértil, na colheita do arroz se cortava por cachos, pisoteados depois levava para secar, e assim era colocados pedaços de madeiras fazia como chiqueiro e ao redor rebocados com barrote, onde era guardado o arroz da colheita para armazenamento, com feijão era feito o mesmo processo, pois os dois produtos dava para o ano todo; arroz, feijão, milho era em abundância a sua colheita e por aqui havia muitos porcos e outros animais de estimação, hoje nem arroz não tem mais como plantar aqui na aldeia, até a mandioca produto que também é o sustento das famílias muitas não dá mais em fartura e muitas vezes dão somente para o consumo.

Os alimentos eram arroz, feijão, milho cozido, ralado, assado e levavam como matula quando ia trabalhar bocaiuva com farinha, levava farinha, sal quando iam capinar e ao meio dia quebrava coquinhos para comer com farinha e sal, aí já tomávamos água, isso quando começamos a limpar para o local das roças, e isso quando tinha algo para levar, caso contrário não levava nada.

E quando fazia reuniões, avisa o a comunidade e tocava o sino que ficava no centro da aldeia, pois este tocando era um sinal de alerta que algo estava acontecendo notícia boa ou ruim, e quanto às festas de santos não existia, anos depois quando a Funai entrou por aqui que

surgiram e as rezas quando vieram os primeiros padres, muitas vezes repetiam as rezas por não souberem falar o português claramente, e que também nos dias atuais também sofreu algumas alterações nos modos que são feitos as rezas, pois quando rezavam tinham um livro para seguir e se colocava de joelhos até terminar aí que iam abençoar. E quando as crianças se tornaram jovens não saíram da aldeia porque não tinham conhecimento e nem estudos, pois quando os professores eram leigos não tinham formação para alfabetizar, ensinaram somente a ler e escrever e não tinha como passar de séries por falta de como continuar os estudos.

E quanto aos artesanatos cada família fazia o de seu consumo como as tapeçarias feitas com folha de bacuri, abanico, colhiam e limpavam o algodão para fazer as linhas, costuram e faziam as próprias roupas. De primeiro as moças afiavam os dentes com lima para que ficassem pontiagudas, como enfeites dos dentes e os cabelos lisos.

Antes o trabalho dos curandeiros que curavam as doenças, e acreditavam muito nos feiticeiros no qual suas forças viam de animais como cobras, onça e outros, diziam que estes que ensinavam a preparar os remédios, pois aqui não se falava da palavra de Deus, o evangelho surgiu depois. Mas não foi devido a isso que acabou, é que as pessoas que faziam isso partiram e não ensinou a seus filhos, hoje na aldeia existem poucas pessoas que são benzedoras e que fazem remédios.

E quanto à caça, era feita com cipós, armadilhas escondidas nas matas, que laçavam os que iam comer os alimentos deixados nela, na qual pegavam os animais pelo pescoço ou pés.

Quando o pessoal começou a sair em outras cidades e fazendas para trabalhar, o fazendeiro vinha até a aldeia para conversar com o cabeçante da turma, responsável pelas pessoas que irão trabalhar, chegando ao local o fazendeiro deixava sacas de arroz, feijão e matava uma vaca para alimentos durante o período que o povo ficava trabalhando, o pião que tinha que dar conta dos produtos deixados por ele. Quando o serviço terminava vinham todos embora esperando outra oportunidade.

“Hoje a mensagem que deixo para os jovens é que quando estão reunidos nos dão muita alegria, porque hoje é o que queremos a união de todos, e aos que estão estudando e outros que terminaram os estudos que voltem para a comunidade para mostrar seu conhecimento aos que ainda pretendem seguir com os estudos.”

Isac Pereira Dias

II. CAPÍTULO

1. A aldeia Limão Verde, nos dias atuais

Atualmente a nossa aldeia mudou muito em todas as situações em relação aos costumes, moradias, religião, assim como também no que se refere à educação, saúde, esporte e lazer, até mesmo na questão de regras internas, hoje dentro da aldeia já existem mistificação de moradores. Assim como também na questão de casamento já tem misturas de etnias e alguns casados com não indígenas.

Hoje a aldeia conta com ampla instalação de rede de energia elétrica, poço artesiano, água encanada, moradias com alvenaria, Posto de Saúde, médicos (não indígena), Enfermeiros, Auxiliar de Enfermagem, Auxiliar de Dentista, Nutricionista, Agentes de Saúde e Agentes de Saneamento, Assistente Social, Associações de Moradores da aldeia local, Professores habilitados para dar aulas, formados e graduados em diferentes disciplinas, outros são mestre, doutor, várias igrejas, meios de comunicação como rádios, internet, celular, orelhão, meios de transportes carros, motos, bicicletas, ônibus, trator, caminhão. E também com vários pontos de vendas de mercadorias.

Escolas Municipal e Estadual, a do município atende crianças e jovens desde a Educação Infantil, 1º ao 9º Ano e EJA- Educação de Jovens e Adultos, que funciona nos três períodos matutino, vespertino, noturno, com Professores misto, indígenas e não indígenas, e a escola Estadual atende de 1º ao 3º Ano do ensino médio atende jovens e adultos no período noturno, onde que os Professores e coordenador que atuam são indígenas, somente a Direção e a Secretária que é não indígena, a quadra de esporte para é o uso das duas escolas, transporte escolar para os alunos que vem de outras aldeias.

Vários alunos que estudaram nas duas escolas hoje estão nas faculdades nas cidades de Dourados, Campo Grande, Aquidauana, alguns já se formaram e estão trabalhando na aldeia na área da Educação e saúde, outros nos hospitais da cidade e outros em outras aldeias.

Considerações finais

Realizar este trabalho foi de grande valia e de uma grande importância, pois através dela tanto na entrevista, na escrita e no decorrer da história, pude conhecer a história de luta de meu povo e de minha comunidade, o quão corajosos foram na luta, de cada detalhe dos que almejavam alcançar, além a organização que tinham na época, tinham um conhecimento e sabedoria muito além do que podiam, além disso, ver de como era a geração e os líderes que antes passavam de pai para filho, os primeiros não indígenas que aqui vieram ajudar a nossa comunidade. E também o porquê dos nomes e sobrenomes em português dos fundadores da aldeia, de onde veio, e o porquê pararam aqui neste local, isso foi uma história maravilhosa com riqueza extraordinária, ainda mais saber que fazemos partes da família fundadora. Certo que a história vai, além disso, muita coisa ainda faltou para relatar e escrever, mas que ainda possa realizar este trabalho com o ancião, para obtermos em arquivos para que nossas crianças possam apreciar as histórias.

Com isso me senti honrada em poder conhecer um pouco da história de minha aldeia, fazer parte da família, ainda mais sendo narrada pela pessoa que é um exemplo para nós, pessoa humilde, mas de grande coração, que ama e cuida de sua família com muito carinho e humildade ensinando sempre a união, respeito ao próximo, incentivando sempre as pessoas que nos dias atuais sem o estudo nada se consegue, portanto ainda que passemos por dificuldades e enquanto houver oportunidades que prossigamos, além disso incentiva a seguir nos estudos.

No decorrer do trabalho pude conhecer a história pessoal deste ancião, algo que desconhecia, que nem as filhas conheciam, nem sabiam que alguns fatos que ocorreram na vida durante a infância até a vida adulta. Foi gratificante, hoje dou mais valor a esta pessoa sábia e humilde de coração, passou por tantas lutas e não desistiu até chegar aqui, muitos dos companheiros citados na entrevista já partiu e hoje o sonho ainda não se realizou, a luta continua, pois *demarcação* ainda continua em andamento.

Sei que isso não foi tudo, ainda há mais que contar, muitas histórias ainda ficou para trás, mas isso não fique esquecido e sim narrado e escrito, pois a aldeia é hoje o que é, foi graças à luta e a garra de nossos anciãos.

ANEXO

Entrevista

- Nome do Projeto
- Nome/ idade/ sexo
- Aonde nasceu?
- Nome dos pais?
- Tem irmãos? Se sim quem são?
- O senhor sempre viveu aqui? Se sim ou não, comente.
- Como era a vida na aldeia antigamente?
- Quando foi cacique, como foi escolhido? E por quê?
- Quanto tempo ficou como cacique?
- Lembra-se dos caciques antes do Senhor?
- O território é o mesmo de antigamente?
- Como foi a demarcação do território?
- Quando foi o primeiro contato com homem branco?
- Qual foi a reação da aldeia?
- Qual a diferença dos costumes antes e hoje?
- Como era antes: religião, casamento, criação dos filhos?
- Como eram os valores e costumes do povo antigamente?
- A culinária e as plantações como eram?
- Como eram as rezas antigamente?
- E como são as rezas hoje?
- Em que época os patrícios começaram a ir para cidade? Necessidade?

- Como eram os conflitos internos antigamente? Isso em relação aos ciúmes, brigas, famílias?
- Qual a sua mensagem para os jovens hoje?

A história da aldeia Limão Verde contada pelo ancião Terena Hopú'oti Turumo

Introdução:

A história da aldeia Limão Verde;

A importância do registro histórico e das práticas culturais;

Narrativas do avô;

Objeto:

Narrativas do ancião Terena Hopú'oti Turumo sobre a história da Aldeia Limão Verde.

Objetivos:

O registro da aldeia Limão Verde.

Metodologia:

Aplicação de questionários gravados;

Roteiro de entrevista;

Relatório de campo

- 1º Momento - Organização dos materiais, assim como também, autorização por parte do ancião a ser entrevistado;
- 2º Momento – Entrevistas
- 3º Momento - Reescrever e traduzir terena/ português as falas do ancião
- 4º Momento – Redigir o conteúdo de entrevista.

Suporte teórico: caderno escrito com o próprio punho sem data e ano que foi escrito.

Estado da Arte:

Histórias da Aldeia Limão Verde

Análise de dados:

Transformação histórica da aldeia Limão Verde;

Fatos históricos que marcaram a aldeia